

*dois*

## Lembrança de 2 amigos

ANIBAL MACHADO <sup>207</sup> conta-  
va que, algum tempo depois de  
casado, se viu desempregado e  
sem dinheiro no Rio. Desempregado,  
sem dinheiro e com várias  
filhas meninas. O português, dono  
da casa em que ele morava, ti-  
nha um ar feroz, mas era a flor  
dos senhorios: esperava meses e  
meses que "seu doutoires" pudesse  
dar alguma coisa por conta dos  
atrasados. Mas nem todo crêdor  
era assim, e alguns vinham todo  
dia bater à porta, enchendo de  
angústia o escritor.

"O que me salvou foi a praia"  
— disse Aníbat.

Metia um calção de banho e ia  
para a areia. Lá respirava feliz  
diante do mar. Um dia viu um  
credor que andava de um lado pa-  
ra outro na calçada. Fêz que não  
vira — e caiu nágua. O homem  
foi-se embora...

Se o Rio de Janeiro não tives-  
se mar, seria a Capital da angus-  
tia. Vivi aqui dias tristes, som

brios, em que faltava não ape-  
nas dinheiro como liberdade. Era  
perigoso visitar um amigo ou re-  
ceber uma visita; conversar num  
bar ou café, ainda mais. Só havia  
um território livre, democrático,  
limpo, onde a gente podia se en-  
contrar: a praia. Com o vento do  
mar e o sol que brilha para to-  
dos. E as ondas recitando Baudé-  
laire; ~~libre, toujours;~~ tu  
cheriras la mer..

Os problemas do Brasil, as mes-  
quinhas de nossa vida pública,  
a miséria fundamental de nosso  
povo, tôdas essas coisas, que de  
repente cansam e desanimam uma  
pessoa sensível. Evandro Pequeno  
encontrou uma solução: "eu sou  
um suco em trânsito".

Não saber de nada, não enten-  
der uma palavra do que estão di-  
zendo e escrevendo por aí, não  
ter nada, não ter vergonha de na-  
da: ser um suco em trânsito...

E, se possível como o bom Evan-  
dro fazia, tocar fagote.

*libre, toujours /*

*O saudoso*

*DN - 3.3.66*

*DN Ago 69*